

Mãe, escritora e empreendedora: o universo criativo de Jéssica Macedo

Com mais de 300 livros publicados e uma plataforma própria de streaming, a autora mineira reflete sobre criar histórias, negócios e uma filha nos bastidores da literatura digital

Aos 30 anos, a escritora mineira **Jéssica Macedo** construiu uma trajetória singular na literatura digital. Nascida em Belo Horizonte, publicou o primeiro livro aos 14 anos e passou a se dedicar integralmente à escrita aos 18. Hoje, é autora de cerca de **300 livros**, entre romances, fantasia, ficção científica, terror e obras juvenis.

Seus títulos figuram entre os mais vendidos no Brasil e na Europa, estão traduzidos para seis idiomas e disponíveis em formato digital, físico, audiolivro e audiovisual. Em 2021, integrou a lista **Forbes Under 30**, e, em setembro de 2024, foi reconhecida pelo **Kindle como a autora brasileira mais lida da última década**.

Além da carreira literária, Jéssica é idealizadora e desenvolvedora do **Portal Play App**, plataforma de streaming lançada em dezembro de 2025 pelo Grupo Editorial Portal, que reúne e-books, audiobooks, filmes, webnovelas e conteúdos interativos em um único ambiente digital.

Mãe da Aurora, de três anos, ela reflete em entrevista sobre tecnologia, maternidade, empreendedorismo e o papel da cultura no Brasil.

O reconhecimento pela Forbes Under 30 e pelo Kindle reforça sua relevância digital. Como você enxerga o papel da tecnologia na literatura contemporânea?

A tecnologia é fundamental, principalmente porque cria oportunidades. O mercado editorial sempre foi muito restrito. Antes, para publicar, era preciso estar dentro de uma grande editora, se encaixar na linha editorial, passar por uma série de filtros — e tudo isso dependia também de sorte e do momento do mercado.

Quando eu era adolescente, cheguei a ter um acordo verbal com uma grande editora, mas houve uma troca no corpo editorial e o projeto foi descartado. Isso acontece o tempo todo. O próprio *Harry Potter* foi recusado por várias editoras antes de se tornar um sucesso global.

Ferramentas como o Kindle permitiram que o autor tivesse contato direto com o leitor, eliminando intermediários e deixando que o próprio mercado decidisse o que funciona. No meu caso, a tecnologia quebrou barreiras geográficas: hoje lanço livros que se tornam *best-sellers* na Itália, França e Espanha. Alcancei não só o Brasil, mas o mundo.

O Portal Play App reúne diferentes formatos de conteúdo em um só ambiente. Como surgiu essa ideia?

O Portal Play nasceu justamente dessa capacidade da tecnologia de quebrar barreiras. Diferentemente dos livros digitais, não existia uma forma simples de produzir e distribuir conteúdos audiovisuais e audiobooks diretamente ao público, sem depender de grandes estruturas de distribuição.

Produzir já é um desafio enorme, mas distribuir é ainda mais difícil. Muitos conteúdos excelentes morrem porque não conseguem chegar às pessoas. O Portal Play surgiu, então, com esse objetivo: levar o conteúdo diretamente ao espectador e ao leitor.

Quais foram os principais desafios técnicos e criativos para lançar uma plataforma tão inovadora?

O primeiro desafio foi estrutural. A ideia surgiu em 2021, mas só pôde ser executada como eu imaginava cinco anos depois, com o avanço das tecnologias disponíveis. Sou formada em Cinema de Animação e Artes Digitais, o que inclui programação, mas as ferramentas da época ainda eram limitadas.

Quando adaptamos *Eternamente Minha* para o audiovisual, esbarramos na distribuição. Produzimos, mas não tínhamos para onde levar o projeto. Foi aí que pensei: “E se existisse um aplicativo onde esse conteúdo pudesse ser disponibilizado diretamente?”

Durante anos, fiz orçamentos, contratei freelancers, mas o app nunca chegava à estrutura ideal. Com o avanço da IA e da automação, finalmente consegui executar o projeto como queria. Hoje, o maior desafio é a divulgação, fazer com que as pessoas conheçam a plataforma e deem chance aos trabalhos disponíveis ali.

Que impacto você espera que o Portal Play tenha no mercado cultural brasileiro?

A cultura no Brasil ainda é muito menosprezada. Grande parte do incentivo é governamental, enquanto em outros países o próprio mercado sustenta a produção cultural. Meu sonho é que o Portal Play se torne, assim como o Kindle foi para os livros, um meio pelo qual criadores possam viver bem do próprio trabalho — especialmente no audiovisual.

Quero que seja um polo de produção nacional, com foco no público final, e que gere oportunidades, especialmente em Belo Horizonte. Temos poucos espaços aqui para atores, atrizes e equipes técnicas. Claro que tudo ainda está no começo. O Kindle mesmo levou tempo para conquistar confiança; estamos trabalhando para seguir esse caminho.

Qual a importância de criar espaços digitais que fomentem comunidade e interação?

Para leitores e espectadores, o Portal Play permite que histórias que talvez nunca chegassem às telas sejam realizadas. Para as equipes de produção, é chance de trabalho, experiência, portfólio e renda.

Hoje, o audiovisual é muito concentrado no eixo Rio-São Paulo, principalmente em grandes emissoras. Aqui, estamos criando alternativas, oferecendo conteúdo diferente e oportunidades reais.

De onde vem a inspiração para escrever em tantos gêneros diferentes?

Sempre gostei de contar histórias. Desde os nove anos, eu criava peças de teatro com colegas da escola. A fantasia foi minha base, e ela me ensinou a imaginar cenários fora da realidade, o que facilita transitar entre gêneros — do romance ao terror.

O romance contemporâneo veio muito por demanda de mercado, mas a fantasia continua sendo minha raiz. Outro ponto essencial é a disciplina. Escrever profissionalmente exige metas, rotina e compromisso.

Qual foi o maior desafio da sua carreira até hoje?

Ainda é a distribuição, especialmente do livro físico. Mesmo com editora própria e parcerias, é difícil alcançar o Brasil inteiro por causa da logística e dos custos. Quando comecei a escrever, achava que o mais difícil era escrever. Depois entendi que o verdadeiro desafio é vender e chegar ao leitor.

A internet é fundamental nisso. Tenho um livro, o *Fatal Obsession*, que vende de 30 a 50 exemplares físicos por semana na Shopee. Ele já ultrapassou mil unidades vendidas apenas nesse canal. São caminhos alternativos que fazem a diferença.

Como é equilibrar a vida de escritora e empreendedora?

Escrever é o que eu gosto, um momento meu. Empreender é necessidade. Para viver da escrita, precisei entender o livro como produto e criar uma estrutura empresarial. Abri editora para emitir notas fiscais, correr atrás de distribuição, estar em eventos. Hoje, a Portal abriga cerca de 40 autores. Escrever foi a parte mais fácil — todo o resto veio depois como necessidade.

Como foi dar o salto para o mercado internacional?

O Kindle facilitou muito. Comecei lançando em inglês, depois espanhol. Em 2023, fiquei entre os mais vendidos da Espanha, o que me incentivou a investir em outros idiomas. Hoje, publico também em italiano, francês e alemão.

Faço todo o processo sozinha: contrato tradução profissional, revisão, diagramação e capista. Recentemente, a Amazon começou a testar tradução automática, o que deve democratizar ainda mais o acesso internacional no futuro.

Quando sua filha nasceu, em que fase da carreira você estava?

Eu já estava mais consolidada, especialmente na Amazon. A pandemia aumentou muito o volume de leitura e eu já tinha livros prontos para lançar durante a licença-maternidade — entre aspas, porque voltei a escrever assim que cheguei da maternidade, ainda que em outro ritmo.

Escrever e empreender ajudam ou dificultam a maternidade?

Apesar da carga intensa de trabalho, me sinto privilegiada. Trabalho em casa a maior parte do tempo, o que me permite estar perto da minha filha. Viajo e trabalho muitas horas, mas a flexibilidade do home office é uma grande vantagem.

Como você se organizou para a maternidade?

Foi planejado. Fiz tratamento para endometriose e sabia que não queria engravidar tarde. Acompanhei tudo de perto e organizei lançamentos com antecedência, para garantir estabilidade financeira nos primeiros meses.

Quais os desafios específicos de ser mãe no meio cultural?

Ser mãe exige equilíbrio. O meio cultural é difícil, competitivo e envolve exposição. Hoje, é quase obrigatório ser influencer, para vender on-line, é preciso ter presença nas redes. Um dos grandes desafios, portanto, é protegê-la disso.

As pessoas consomem a Jéssica Macedo mais do que um livro específico. Elas se sentem próximas da autora e, por isso, o limite entre o pessoal e o profissional é testado o tempo todo. O desafio é manter a família o mais distante possível desse ambiente, pois há muitas críticas e, às vezes, as pessoas ultrapassam o bom senso, perdendo a noção do que se pode ou não dizer.

Estar na Cultura e, especialmente, na literatura também significa assumir um papel de boa influência. Cresci com meu pai vendedor e minha mãe engenheira e não tive contato com livros em casa, fui ter esse acesso na escola. Minha irmã, que é mais nova, já recebeu essa influência por meio de mim.

E minha filha, antes mesmo de eu engravidar, já tinha livros aqui em casa. Até hoje, pelo menos uma ou duas vezes por semana, chega um pacotinho de livros para ela, que tem apenas três anos.

Quais dicas você dá a pais que queiram estimular a criatividade das crianças?

O ideal é começar com livros lúdicos e coloridos. Há muitas opções para bebês e crianças pequenas, inclusive livros com estímulos táteis ou para colorir, que, além de contar uma história, acabam se transformando em brinquedos. Para as crianças mais velhas, é importante oferecer histórias igualmente lúdicas, mas que dialoguem com a realidade delas.

Eu comecei minha produção com livros juvenis e costumo dizer que, embora hoje meu foco seja a publicação de livros para adultos — por uma questão de vendas —, minha função social é continuar lançando livros juvenis, porque eles representam o primeiro passo na formação de leitores.

Também é muito gratificante quando vou às escolas para conversar com crianças, adolescentes e jovens, ou quando os encontro em feiras, e alguém comenta: “nossa, que legal que a história se passa em Belo Horizonte”. Eles querem se reconhecer na narrativa, perceber que ela faz parte do universo deles.

Esse processo de identificação, aliado ao fato de serem histórias contemporâneas, ajuda a sedimentar o hábito da leitura. Infelizmente, nas escolas brasileiras, muitas vezes são introduzidos clássicos para alunos que ainda não desenvolveram o hábito de ler. Sem uma bagagem prévia, compreender essas obras se torna muito difícil.

Então, pais, comprem livros. Levem as crianças para escolherem suas próprias leituras. Façam que elas entendam que o livro, como um desenho animado, é uma forma de entretenimento, algo com que elas podem se divertir. É assim que se formam leitores e se elimina o medo que muitas pessoas ainda têm da leitura.